

O QUE PRECISA SER FEITO

CARMEN SILVIA MACHADO
DIOGO DA SILVA QUITÉRIO

Editora RECANTO das LETRAS

O QUE PRECISA SER FEITO

**CARMEN SILVIA MACHADO
DIOGO DA SILVA QUITÉRIO**

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Carmen Silvia Machado | Diogo da Silva Quitério

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Coordenadora editorial: Silvia Segóvia
Revisão do texto: Maciel Salles
Arte da capa: Proposta pelo autor
Composição da capa: Dimitry Uziel
Diagramação: Dimitry Uziel
1ª edição – dezembro de 2021

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Machado, Carmen Silvia

O que precisa ser feito / Carmen Silvia Machado, Diogo da Silva Quitério. -- São Paulo : Recanto das Letras, 2021.
128 p.

Bibliografia

ISBN: 978-85-7142-107-3

1. Machado, Carmen Silvia – Biografia I. Título II.
Quitério, Diogo da Silva

21-5273

CDD 920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Machado, Carmen Silvia – Biografia

Este livro é fruto de conversas entre Carmen e Diogo, tia e sobrinho, madrinha e afilhado, realizadas entre abril de 2019 e março de 2020.

“Agradeço Leandro Lemos e Lysa Ribeiro, por terem lido versões anteriores do texto e me ajudado com a revisão e com escolhas de formatos e estilos nessa aventura de escrever um livro. Agradeço também a minha mãe e tias que me ajudaram a confirmar algumas datas, nomes e situações, segurando a ansiedade de se reencontrar nas histórias relatadas aqui. Espero que vocês se sintam abraçadas, pelas memórias da Carmen e por mim.”

DIOGO DA SILVA QUITÉRIO

SUMÁRIO

Prólogo	11
1. Pequenas alegrias, grandes sentimentos	14
2. A doença	17
3. O começo na Colônia	24
4. A adolescência	27
5. A casa própria na Vila Lacerda	30
6. O Parque da Fazenda	32
7. As últimas geografias	35
8. Trabalho e dinheiro	38
9. Minha mãe	44
10. Meu pai	49
11. Minhas irmãs	53
12. Nancy	57
13. Maira	60
14. Eloisa	63
15. Vanda	67
16. Érica	70
17. A caminhada com Pedro	74
18. Minha família pequena	81
19. Flávia	84
20. Débora	89
21. Meus sogros	94
22. As histórias dos Natais	98
23. Passagens	101
24. Espiritualidade	104
25. Paciente	107
26. A preparação para partir	110
Epílogo, por Diogo	114
Outros fins	117

PRÓLOGO

Eu acho triste, sabe, quando vejo alguém que perdeu a mãe ainda criança. Não foi o meu caso. Nem será o caso das minhas filhas. O que eu tinha que fazer, por mim e por elas, eu fiz.

Eu penso que eu vou continuar existindo dentro das minhas filhas, das minhas irmãs e do Pedro, e eles poderão me consultar no momento em que quiserem. Eles sabem quem eu sou e quem eu fui. Gostaria de servir como uma referência amorosa e participativa quando eu não mais estiver presente fisicamente.

“O que faria a Carmen no meu lugar?” Se você teve tempo e atenção para conhecer a sua mãe, se você a entendeu em vida, na hora da dificuldade você saberá como consultá-la. Por isso a minha história não é triste: sinto que eu tive esse tempo com a minha mãe e que as minhas filhas tiveram esse tempo comigo.

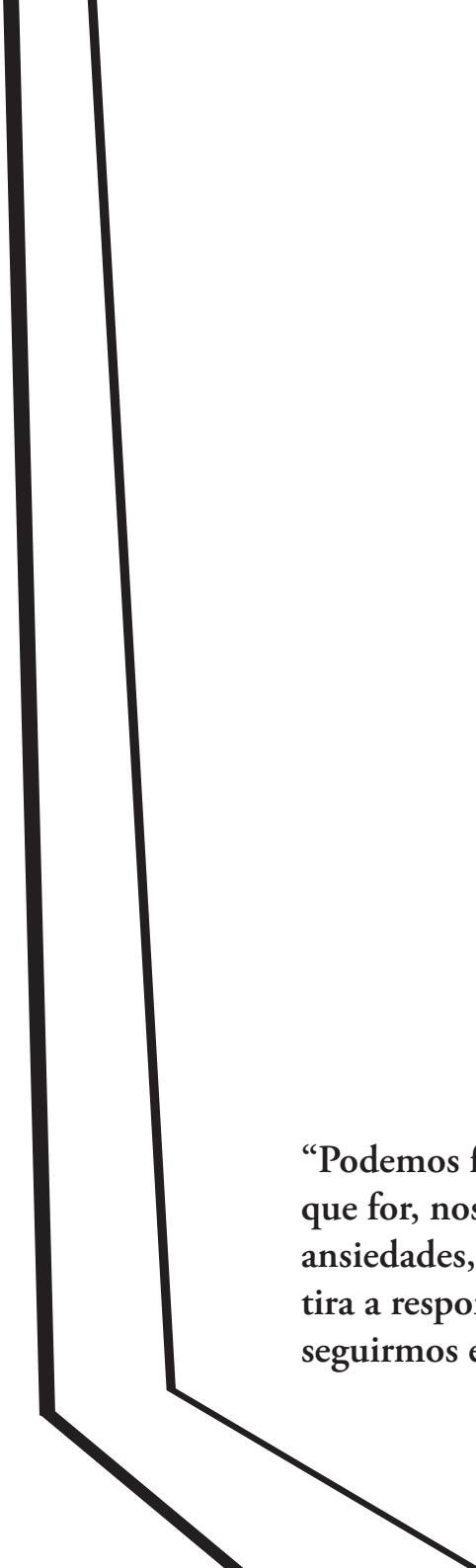
Não estou em uma corrida contra o relógio, mas fico pensando se está perto o momento em que não poderão fazer mais nada por mim. Nem os médicos, com sua medicina, nem as minhas rezas e as da minha família. Não quero que fiquem tentando de forma exagerada me manter por aqui.

Será que eu posso ser dona desse meu querer? Não gostaria de viver muito tempo com a memória ruim. Não vejo vantagem. Eu gosto de ficar com as lembranças gostosas da

minha família, dos gestos de carinho das minhas irmãs, dos momentos de superação com minhas filhas e o Pedro. Essas imagens me dão força.

Eu quero lidar com a morte da mesma forma com que lidei com a vida: com coerência. Não quero fazer de conta que eu não tenho uma doença grave. Não preciso achar que vou viver até os 100 anos. Se não houver mais um tratamento que funcione para mim, quero aceitar em paz. E quando essa notícia ruim chegar, eu quero encarar.

Então talvez ajude deixar algumas histórias registradas. Porque eu gostaria que minhas netinhas Liz e Inês soubessem quem eu fui e que me ouvissem falar um pouco sobre as mães delas. Porque eu gostaria de lembrar do que eu vivi com as minhas irmãs e tentar entender como ficamos tão unidas. Porque o Pedro precisa se enxergar de novo como meu companheiro, muito além das vezes em que precisou ser meu cuidador. Porque a minha memória já tem faltado e, às vezes, eu me confundo. Porque eu sinto um desejo de repassar a minha vida como uma preparação para partir. E porque, em alguma medida, acho que também seria um abraço mais prolongado nas pessoas que tanto amo e que me ofereceram tantos gestos de amor de volta.



“Podemos fazer o alarde
que for, nos desgastar com
ansiedades, mas nada disso
tira a responsabilidade de
seguirmos em frente.”

1

PEQUENAS ALEGRIAS, GRANDES SENTIMENTOS

Eu sempre fui atenta às pequenas alegrias da vida. Algumas coisas que me acontecem até me emocionam, como estar com minhas netinhas, tomar um café com as minhas irmãs, encontrar a minha comadre Neize ou fazer uma caminhada com o Pedro. Às vezes vamos ao parque e parece que é Deus quem está me recebendo por lá.

Na época em que morei no Parque da Fazenda, eu deitava à noite no piso frio de ardósia para ficar olhando as estrelas. Antes das seis da manhã eu saía para caminhar com a Cleide, a minha vizinha, e acompanhava o crescimento das árvores e a chegada dos pássaros. No verão, depois da caminhada, eu me jogava direto na piscina. Eu ria sozinha, pensando: “Imagina se minhas irmãs descobrem que eu estou na piscina enquanto elas trabalham”. Eu aprendi a valorizar o estar bem.

O meu homeopata chama de “pequenas melhoras”. É uma capacidade de olhar para além dos problemas que você levou para a consulta e se dar conta de que outras queixas anteriores já não existem mais. Com ele, aprendi a valorizar as pequenas conquistas que alcancei dentro de mim.

Eu adoro as palavras misericórdia e gratidão. A primeira me remete a bondade, a um socorro chegado de última hora.

Eu gosto de nortear a minha vida por misericórdia, e peço a Deus que eu não deixe de agir pelas minhas pessoas quando for necessário, mesmo sabendo que tantas vezes chegamos atrasados. Também tenho buscado gratidão. Não é um impulso de dizer repetidamente obrigada, mas um agradecimento íntimo e consciente direcionado a cada pessoa que tem estado presente por mim. Sempre que vou fazer um procedimento no hospital, eu peço a bênção para todos que vão me atender. Em dez anos, não me lembro de ter sido mal acolhida por nenhum médico, enfermeiro ou técnico.

Uma vez eu fui fazer quimioterapia e, no elevador do hospital, uma mulher de lenço na cabeça olhou para o lenço na minha cabeça e perguntou: “Onde é o seu?”, e eu respondi: “No pulmão”. Ela falou “Vai dar certo” e em seguida saiu. Eu não me esqueci dela até hoje. Nunca somos tão iguais ao outro quanto no momento da doença. E aprendi que às vezes as pessoas estão te entregando, mesmo que de forma inconsciente, alguma coisa. Pode ser um apoio, um afeto, um pedido de ajuda. Então é preciso estar atenta a essa troca. Para aprender, receber ou oferecer alguma coisa a partir desse encontro.

Por isso, confesso que tenho saudades de pessoas que já passaram pela minha vida. Eu sei que nem todas vêm para ficar. Algumas, inclusive, não agregam nada, somos nós quem agregamos à trajetória delas. Mas não há como saber de saída, então não podemos desperdiçar esses encontros. Às vezes penso em algumas dessas pessoas durante a noite e desejo que elas estejam bem. Penso nas vizinhas com quem dividi a rua, nas colegas com quem trabalhei, nos pacientes que avisto nas sessões de quimio (principalmente aqueles que depois de um

tempo deixam de aparecer). Penso no Sandro, ex-marido da Flávia que, quando eu adoeci, me ajudou demais, nem que fosse me levando para São Paulo para que eu pudesse me distrair. Nenhuma dessas pessoas está no meu dia a dia, mas tenho um pensamento positivo para elas.

A dinâmica da minha vida antes da doença era atendendo às demandas dos meus pais, das minhas irmãs ou das minhas filhas. Me procuravam constantemente para compartilhar problemas. Ao longo da conversa, poucos desses problemas pareciam grandes ou sem solução como quando tinham chegado. Era mais uma necessidade de os problemas serem ditos e ouvidos para voltarem ao seu devido peso. E acho que fiz muito disto: ouvi, acolhi, devolvi e, de alguma forma, fortaleci a pessoa para que ela tivesse uma reação.

Quando eu fui perdendo minha autonomia física, percebi as pessoas querendo fazer por mim. No começo isso me deixava aborrecida. A psicóloga me ajudou a entender que era a minha hora de parar e receber tudo o que eu já tinha dado, e esse entendimento me trouxe paz. Com muito custo aceitei que eu precisava de ajuda, e já não tenho aquela sensação de que eu incomodo.

De forma geral, não gosto de gente que tem muitas expectativas. A minha vida é pensada para um dia. Um de cada vez. E sou metódica, caseirinha, não preciso ficar inventando a roda para estar feliz. Se estiver bem quente, posso comer a mesma comidinha sempre. Repito os mesmos passeios e gosto de estar com as mesmas pessoas.

2

A DOENÇA

Em 2009, em uma visita ao Santuário de Santa Rita, na cidade mineira de Santa Rita de Caldas, ao me dirigir até o altar, senti uma conexão tão forte com ela que virei devota. Na volta dessa viagem, procurei minha médica e pedi para fazer um *check-up*, incluindo uma radiografia do meu pulmão, mesmo que eu não estivesse sentindo nenhum mal-estar. Ela não entendeu, e até relutou um pouco, mas depois aceitou o meu pedido. Assim recebi o meu diagnóstico de câncer no pulmão.

Não sei explicar, mas naquele momento, na igreja, eu senti que havia algo errado e que precisava procurar ajuda. Se eu já tive que tirar 50% de um dos pulmões tendo descoberto a doença sem qualquer sintoma, imagina se eu não tivesse recebido esse sinal? Foi uma graça alcançada.

A doença não é um capítulo da minha vida que eu vejo como triste. Você recebe uma notícia dessas e acha que vai partir no mês seguinte. Mas tô aqui há dez anos. O primeiro médico com quem me tratei era um pneumologista que me disse: “Olharemos para a sua doença quase como uma doença crônica”. E assim foi.

Tão logo tive o diagnóstico, eu operei. Em agosto de 2009, tirei 50% do pulmão esquerdo. Descobri que era possível viver bem com um pulmão só. Eu me recuperei rápido

e vivi bem por 4 anos e meio. Nesse período, nem gripe eu tive, mas seguia fazendo ressonância semestralmente só para checar se o pulmão continuava limpinho.

A doença voltou em 2013. Faltavam seis meses para eu ser considerada curada, dispensada do controle e sem chances de recidiva.

Recomeçou com um adormecimento da minha mão, que eu acreditava ser uma síndrome do túnel do carpo¹. Busquei uma terapeuta ocupacional que logo me indicou consultar também um neurologista. Quando fiz uma nova ressonância, os efeitos motores já tinham se agravado. Como eu ainda dirigia, tinha que parar pessoas na rua e pedir ajuda para baixar o freio de mão. Na ressonância da cabeça foi confirmado que o câncer tinha voltado. Só então descobri que era comum que tumores de pulmão ocasionassem metástase na cabeça.

No meu caso, descobrimos que o tumor, além da cabeça, tinha se espalhado para o fígado, estava nos ossos da coluna e novamente no pulmão, que estava bastante tomado, inclusive em uma área próxima da aorta do coração. Era inoperável, mas fui direcionada para a terapia-alvo. O remédio era fortíssimo (se chamava Tarceva®), e me trouxe lesões na cabeça, mãos e unhas. Além da oncologista, eu tratava com uma dermatologista de apoio.

O Pedro passou por todas as etapas comigo, mas cuidar das feridas da minha cabeça foi um momento muito difícil para nós. Eu sei que isso mexeu demais com o emocional dele.

¹ Dormência e formigamento na mão e no braço causados pela compressão do nervo mediano no punho.

Aguentei esse tratamento por 3 anos e meio. Minha médica dizia que eu era a garota propaganda desse remédio, porque ela desconhecia pacientes que conseguiam persistir com ele por mais de um mês. Depois desse período, ele perdeu o efeito e tivemos que trocar. O segundo remédio durou dois meses, mas sem resultados. E tive que abandonar o terceiro depois de um mês, porque me dava uma diarreia insustentável.

Além da medicação, tinha também sessões de radiologia na cabeça com o Dr. André. Ele era um médico jovem e meio mal-humorado que me contava que tinha vergonha por chegar chateado nas consultas e me ver sorrindo. Foram 25 sessões, mas o mais difícil foi a primeira etapa, em que precisei fazer uma máscara específica para a aplicação da rádio. Eu tinha que me manter em uma posição muito desconfortável com a boca aberta por mais de uma hora, e bem na minha vez, quase no final do processo, a máquina quebrou. Eu teria que recomeçar todo o martírio, além de aguentar enquanto eles consertavam a máquina. Tive que resgatar tudo o que aprendi na ioga e, da mesma forma como eu já fazia para entrar na máquina de ressonância, desenvolvi a capacidade de me desvincular do lugar onde estava. Eu entrava na máquina, mas não estava na máquina.

Fiz as sessões de rádio em 2018, mas a doença já tinha comprometido os movimentos da mão e do braço direito. “O que você perdeu, não recupera”, me disse o médico. Parei de dirigir em janeiro de 2017, nunca me esqueci da data, porque tirou bastante da minha independência. Já não conseguia mais escrever também. Eu achava a minha assinatura tão bonitinha, mas agora só consigo dar um visto, que nem vale mais como oficial — o Pedro é o meu procurador e assina por mim.

Junto com a escrita, perdi um pouco a vontade de ler, mas me reanimei agora depois do livro *Velhos são os outros*, da Andréa Pachá. Além de me dar esse livro, minha irmã Eloisa também me ajudou a retomar a ioga. Achei que não fosse conseguir, mas fico perto da professora, e às vezes ela encosta apenas um dedo nas minhas costas e eu já me sinto apoiada.

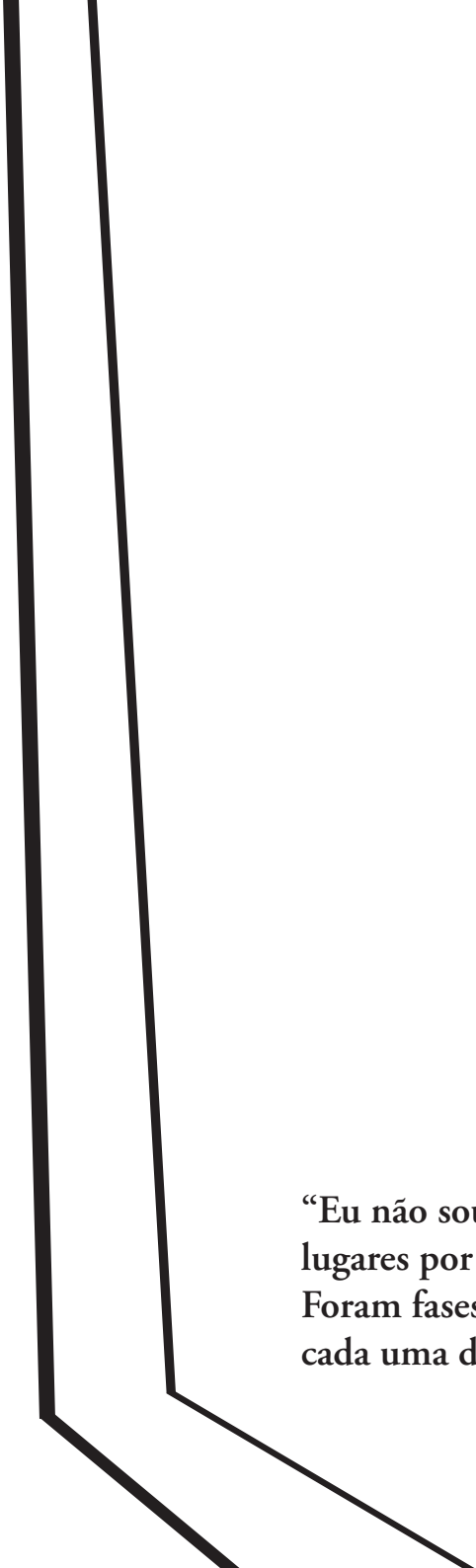
Atualmente faço quimioterapia de 21 em 21 dias. É um lugar agradável, mas eu acho que ninguém deveria ir sem acompanhante, nem que seja para não ficar exposto aos olhos dos outros. “Coitada dela, além de ter câncer, ainda tem que se tratar sozinha!”, fico com receio dos outros pensarem. Também não é por medo, não, mas acho importante ter companhia durante essa uma hora e meia. E eu sempre tive o Pedro e as minhas irmãs. Cada uma delas se comporta de um jeito durante as sessões: a Eloisa, quando o soro está para acabar, já corre para chamar a enfermeira; com a Érica, ficamos conversando, o soro acaba e a gente nem percebe; e a Vanda fica focada no meu aconchego e já brigou porque o ar-condicionado não estava funcionando.

Sinceramente, não encaro essa jornada como anos de sofrimento. Depois de uma década de tratamento, eu cumpro todos os procedimentos que me foram indicados. É claro que há muitas coisas chatas — os exames, as biópsias, as medicações, os enjoos e os vômitos —, mas eu mesma me surpreendi com meu controle em não ficar ansiosa. Tento colaborar com os médicos. Penso assim: o medo nos mata primeiro! Por isso a confiança tem que partir do paciente.

“Vamos fazer o que precisa ser feito” é um lema que tem me acompanhado, mesmo antes do tratamento. Podemos fazer o alarde que for, nos desgastar com ansiedades, mas nada disso tira a responsabilidade de seguirmos em frente.

Durante todos esses anos procurei não saber muita coisa. Não perguntei detalhes demais para os meus médicos, não pesquisei na internet, nem abri exames antes da consulta. É assim que eu lido com a doença. Sei da gravidade, mas não fico inventando preocupações. Eu acho que tive sorte com meus médicos, por isso sigo as instruções dadas. Já tomei tanto contraste que devo estar um pouco radioativa.

Eu não me ocupo com pensamentos de que será o fim para mim a qualquer momento. Eu penso que hoje é o meu melhor dia. Ontem já foi e não quero saber do amanhã. Depois que a doença voltou, viver assim tem me trazido mais tranquilidade.



“Eu não sou saudosista dos lugares por onde passei. Foram fases, e eu aproveitei cada uma delas.”

3

O COMEÇO NA COLÔNIA

Eu nasci em Jundiaí, no bairro da Colônia, em 5 de agosto de 1958. Quando eu tinha dois anos, nos mudamos para uma outra casa no mesmo bairro. Então da casa onde nasci eu só me lembro do quintal, onde eu passava horas com minhas irmãs. A segunda casa era tão pequena e simples como a primeira. O espaço interno era tão limitado que, quando chovia, era preciso colocar as cadeiras em cima da mesa para brincarmos. Era também de dois dormitórios, um para os meus pais e outro para as filhas, embora não houvesse cama para todas. A Maira e a Eloisa tinham camas próprias. Havia também um beliche. A Vanda dormia em cima e eu dividia a cama de baixo com a Nancy. Eu dormia atrás dela, encostada e escondidinha na parede.

Nessa época não tínhamos chuveiro. Minha mãe esquentava água para tomarmos banho de bacia. Acabava uma, já entrava a outra filha na sequência. Era um controle nosso, como tantas outras partes de nossa rotina. Não tinha ninguém para nos levar até a escola. Nós nos levávamos. Daí vem a minha percepção de eu ter tido uma criação compartilhada, sendo cuidada e cuidando das minhas irmãs. A mais velha se responsabilizando pelas mais novas. As roupas, da mesma forma, eram reaproveitadas por quem vinha depois. Foi só adolescente que eu tive coisas minhas, e me lembro de passar

a chave no meu armário para que a Maira não pegasse as minhas roupas. Sempre fomos muito generosas, mas, quanto às minhas roupas, tinha que pedir antes de usar.

A infância foi de escola e brincadeira na rua. Tínhamos poucos brinquedos, mas fora de casa era pega-pega, queimada e pular corda. Aos domingos passava o pipoqueiro, que também vendia raspadinha. Esperávamos a semana toda para nosso pai nos comprar raspadinhas. Outra coisa é que havia sempre cachorros pela casa. Nós fomos uma família muito “cachorreira”, mas nenhum deles era muito legal. Era bom ficar atenta, sem dar muita confiança, pois eles mordiam nossos calcanhares quando chegávamos ou saíamos pelo portão.

Eu e minhas irmãs tínhamos que ajudar com a casa. Minha mãe se ocupava mais da comida e das roupas. Nós ficávamos com a limpeza, cada uma pegava um cômodo. Eu preciso confessar que era fraquinha nessas tarefas. Por mais normalizado que fosse o serviço doméstico, carregou algumas lembranças desconfortáveis sobre isso, como o caso das roupas no varal. Minha mãe enchia o varal e as roupas sempre caíam, porque ventava muito, e eu achava injusto ela presumir que eu deveria pegar e eu não ter tido a ideia por conta própria. Minha mãe falava de um jeito como se fosse certo que eu, muito menina, teria que ter pego. E essa expectativa do meu dever me marcou muito na infância.

Eu não me lembro de nenhuma de nós termos tido uma festa de aniversário. Não me lembro de termos feito uma viagem, passeio ou atividade esportiva — e por isso somos todas muito ruins nos esportes. A obrigação era com a casa e os estudos, e eu comecei os meus no Grupo Escolar Conde do Parnaíba, um casarão histórico na Rua Barão de

Jundiaí. Frequentei até a segunda série, quando tivemos que nos mudar. O aluguel ficou caro, então trocamos o bairro da Colônia pela Vila Municipal.

4

A ADOLESCÊNCIA

A nova casa na Vila Municipal tinha os mesmos dois quartos e o beliche, mas como a Nancy logo se casou, eu fiquei com uma cama inteira do beliche só para mim. Logo nas primeiras semanas que nos mudamos, eu me lembro de uma ligação que a minha mãe recebeu de uma antiga vizinha. “Ah, saímos daí. Agora estamos na cidade”, minha mãe contou cheia de pompa. Achei muito engraçado esse seu orgulho.

No final do primário, tinha um curso de admissão para entrar nos colégios estaduais. Como eu não consegui entrar, o meu pai me matriculou no colégio particular da Escola Professor Luiz Rosa. Fui a primeira das filhas a estudar em escola paga. Achei essa época muito boa porque eu tinha aulas de música, mas acabei não conseguindo acompanhar o ritmo das outras matérias. Então fiquei por lá só um ano e fui terminar o ginásio no curso noturno da Escola Municipal Anna Pontes. Era um colégio difícil também, mas uma das irmãs adotivas da minha mãe era professora e nos dava aulas de reforço nessa época. Eu era esforçada, mas nunca fui das melhores alunas. Matemática e inglês eram bem os meus fracos.

O meu pai já bebia na época da Colônia, mas, nessa fase da casa na Municipal, minha mãe brigava muito com ele por conta disso. Ele costumava me levar junto para o bar para eu

tomar tubaína. Uma vez ele caiu na rua e me derrubou junto, com a garrafa de tubaína na mão. Tenho várias marcas no joelho dessa queda. Eu tinha medo quando eles começavam a brigar, então saía de casa e passava o dia todo fora. A nossa rua não tinha asfalto e, quando chovia, formavam-se grandes valetas de terra. Eu me lembro que ia me esconder nesses buracos esperando a briga acabar. Não me recordo para onde iam minhas irmãs, ou mesmo se elas eram impactadas por esses momentos, mas eu me afligia muito com as brigas dos dois. Quando eu voltava para casa, meus pais já estavam conversando e dando risadas. Só mais velha eu entendi que as brigas não eram grandes eventos, mas os adultos não tinham se dado ao trabalho de me explicar que estava tudo bem e que essas discussões poderiam ser normais.

Meu irmão Luiz Alberto morreu aos 11 anos, vítima de leucemia. Eu tinha 6 anos e me lembro mais das histórias contadas do que de minhas próprias memórias. Eu carrego essa imagem da mudança do semblante da minha mãe, mas não a dimensão da doença dele. Ela ficou bem abatida e, a partir desse acontecimento, meu pai parou de beber. Foi uma mudança radical. Era meu pai quem levava o Luiz para fazer o tratamento e essa perda o impactou muito.

Tive um outro irmão, que nasceu morto e se chamou Sebastião. Tanto o Sebastiãozinho quanto o Luiz Alberto estão enterrados junto com os meus pais.

Foram tempos difíceis. Inclusive em relação a dinheiro, mas nunca cheguei a dormir com fome. Minha mãe era muito inventiva na cozinha. Tinha polenta, pão caseiro, pastel com massa que ela fazia, nhoque e bolinhos de arroz ou de batata — e tudo em grande quantidade. Mas já chegaram a cortar a nossa luz porque meu pai não conseguiu pagar. Então, à medida que fazíamos treze anos, éramos encaminhadas para

o mercado de trabalho. O meu primeiro emprego foi em uma indústria têxtil, onde a Nancy também trabalhava. Eu não gostava, mas não havia espaço para pensar sobre isso. Era receber o pagamento e entregar nas mãos do meu pai. Um pouco mais velhas, passávamos a ficar com metade do nosso salário. E esse compromisso de dar metade do salário para nosso pai só acabava no mês em que fôssemos nos casar.

Mas ainda éramos juvenzinhas, e nosso quarto deixava isso aparente. Cada uma das irmãs tinha uma parte do armário e preenchia a porta com fotos dos seus artistas favoritos. A Nancy gostava do Wanderley Cardoso; a Eloisa, do Roberto Carlos; e a Maira até beijava as fotos do Antônio Marcos. Eu gostava do Jerry Adriani, mas não era tão fã quanto elas.

Eu parecia um palito, muito magrinha. Aos 18 anos, eu tinha o osso da cintura para fora. Era uma barriga negativa, muito antes de ser moda. Eu usava uns lenços de cabeça que eram um charme. Com o passar da idade, pude testar vários cortes de cabelo, mas o que mais gostei foi já aos quarenta, quando eram enrolados e com luzes na altura do ombro. E minha pequena vaidade seria tirar algumas das minhas pintas. Guardei essa ideia por muitos anos, e pretendia usar o dinheiro da minha aposentadoria para isso, mas então veio o câncer e passei a tirar as pintas por medo. Já não era uma questão estética, mas uma indicação médica.

Eu gostei muito de morar na Vila Municipal, porque tínhamos mais autonomia para circularmos. Meu pai tinha a preocupação de morar próximo aos nossos locais de trabalho, então estar no centro da cidade nos permitia fazer nossos trajetos a pé.

Minha irmã Érica nasceu nessa casa. Eu já tinha 14 anos, e além de trabalhar fora, ajudava a criar a caçula, por quem eu tinha adoração.



**“Minha tia parecia ter desvendado
uma forma de encarar a vida sem assombros.
‘Em frente, avante, alegre e confiante’,
ela costumava dizer.”**

Diogo da Silva Quitério

ISBN 978-85-7142-107-3



9 788571 421073

EDITORA RECANTO DAS LETRAS